

Fragmentação X Conexão

É lugar comum, em nossos dias, apontar a educação como a saída para os impasses que vivemos. Mas será que ela pode dar conta dessa enorme expectativa? Segundo o cientista da educação Rui Canário, da Universidade de Lisboa, a imaturidade política e social que nos caracteriza é proporcional ao grau de escolarização de nossa sociedade. Quanto mais ela se escolariza, coloca suas crianças na escola, mais produz imaturos políticos e sociais, e os responsáveis por isso são, entre outras coisas, a excessiva fragmentação dos saberes e o isolamento da escola.

Influenciada, por um lado, pela industrialização que chegava, e, por outro, pelo regime militar que passou a vigorar no Brasil, nossa escola foi se estruturando como uma linha de montagem que fragmentou o trabalho humano, tendo em vista o aumento da produtividade. A hiperespecialidade, o ensino voltado ao “científico”, movido pela euforia tecnicista, as inúmeras aulas de 50 minutos, sem conexão entre si, sem contexto, levaram-nos a uma sociedade que desaprendeu o valor do todo.

Temos especialistas cada vez mais fragmentados, desvinculados das grandes questões humanas, sociais, planetárias. E vamos vivendo acoplados a uma parcela tão pequena da realidade, que chegamos a esquecer quem somos, o que buscamos. Se, por um lado, a fragmentação do ensino respondia à necessidade de produzir uma educação “em massa”, por outro, atendia à fundamentação ideológica do novo regime, avesso à reflexão e à crítica, como mostram as denominações que ainda hoje usamos: grade curricular, disciplina, prova.

As pessoas hoje vivem em um mundo que as obriga a dar conta de temas cada vez mais complexos, como o destino do planeta, a internet, a globalização. Assistimos ao nascimento de um novo modelo de mundo. Na era tecnológica, a verdade, a certeza, a estabilidade, o princípio, a causa, tão caros à ciência, tornaram-se sinônimo de nada, perderam o valor. Mas, se esses grandes valores, que tanto já nos oprimiram, desabaram. Talvez a urgência seja de um novo olhar, um novo posicionamento com relação ao mundo, nascido de uma nova correlação de forças, de novas avaliações e valores. E isso exige pessoas inteiras, capazes de olhar o mundo, as situações, como um todo, ao mesmo tempo em que são capazes de nele se localizarem de forma singular.

Torna-se urgente, portanto, retomarmos a difícil complexidade que é viver, pensar, criar, conhecer. Todas as coisas se relacionam, não há nada isolado. Cada gesto produz desdobramentos incalculáveis. Um saber, uma escola, uma pessoa não existe sem um contexto: talvez esse seja o aprendizado social, a maturidade política de que precisamos, para impedir que as coisas, de uma vez por todas, implodam. ■



Viviane Mosé
Psicóloga e psicanalista
www.vivianemose.com.br